



## **POBREZA E FOME NA BAHIA: VIVÊNCIAS DE SERTANEJOS DURANTE A SECA DE 1932 NA VILA DE CANABRAVA DO GONÇALO/CHIQUE-CHIQUE**

Daiane Dantas Martins\*  
Carmélia Aparecida Miranda\*\*

**Resumo:** *O trabalho intitulado “Pobreza e fome na Bahia: vivências de sertanejos durante a seca de 1932 na Vila de Canabrava do Gonçalo/Chique-Chique”, faz parte da pesquisa em curso, no Mestrado em História Regional e Local. Visa discutir a forma como a seca de 1932 foi vivenciada por sertanejos baianos em uma pequena vila chamada Canabrava do Gonçalo, que atualmente é a cidade de Uibaí, na Bahia. Apresentaremos aspectos relacionados à fome e à pobreza destes, que em decorrência da seca, tiveram de adequar o que a natureza ainda dispunha, para saciar a fome, sendo comum que recorressem às sementes de mucunã – sementes encontradas na vegetação nativa, consideradas tóxicas - e à raízes silvestres, entre outros, para não morrerem de fome. Embasamos nossa discussão, em memórias de pessoas que conviveram direta ou indiretamente, com “a crise de 32” como muitos relatam, a partir de depoimentos, colhidos utilizando os recursos da História Oral.*

**Palavras-chave:** Fome; Seca; Memórias.

### **INTRODUÇÃO**

A fome foi um problema bastante presente na realidade de boa parcela da população brasileira durante o flagelo de 1932. Na Bahia, ao que tudo indica, ela contribuiu para que o cotidiano de muitas pessoas fosse alterado. Se olhado a partir de uma perspectiva atual, podemos considerar que os habitantes do sertão baiano, em especial os habitantes das imediações da Vila de Canabrava do Gonçalo<sup>1</sup>, no início do século XX tinham uma alimentação baseada em uma variedade de alimentos pequena, que consistia na criação de animais como bovinos, caprinos e aves; nos produtos derivados da mandioca como a farinha, os beijos e biscoitos de tapioca, as brevidades também de tapioca; os ovos; bem como o leite e a coalhada; e o feijão de corda, dependendo a variedade das condições socioeconômicas de cada família. Vale ressaltar que esse cotidiano e essa disponibilidade alimentar estão associados a momentos em que as crises de fome originadas com as secas não se fazem presentes. Em vista disso, trazemos para a discussão aspectos referentes às formas desenvolvidos por estes sertanejos para enfrentamento e convivência com o flagelo.

---

\* Graduada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Mestranda em História Regional e Local na Universidade do Estado da Bahia, UNEB, onde é bolsista da FAPESB. E-mail: daiuibai@yahoo.com.br - Autora.

\*\* Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV Jacobina, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. E-mail: carmelia15@hotmail.com – Orientadora.

<sup>1</sup> A Vila de Canabrava do Gonçalo, atualmente corresponde ao município de Uibaí que está situada na Chapada Diamantina Setentrional, na microrregião de Irecê, a 507 Km de Salvador, limitando-se ao norte com Central, ao sudeste com Ibipeba, ao sudoeste com Ibititá e a leste com Presidente Dutra. Tem uma população aproximadamente de 13.614 habitantes (IBGE, 2001). Esta população tem a sua economia baseada na agricultura e pecuária sendo, portanto, dependente das chuvas para se desenvolver.



Na região da Canabrava do Gonçalves, próxima ao centro econômico regional da época que era a cidade de Chique-Chique, várias estratégias de adequação da alimentação foram utilizadas. Consumiu-se os produtos mais exóticos. Frutos silvestres considerados venenosos pela população como a mucunã<sup>2</sup> que foi utilizada em outras regiões durante as secas, raízes de plantas encontradas ao longo das caatingas como a parrêra<sup>3</sup> e a cuca de umbu<sup>4</sup>, além de cactos, entre outros. Assim, pretendemos aqui, trazer uma discussão acerca destes aspectos relacionados à fome que se intensifica nestes momentos de catástrofe, possivelmente associada à situação de pobreza em que vivia grande parcela da população de Canabrava do Gonçalves e da Bahia como um todo. Utilizamos a História Oral para penetrar nas memórias destes sertanejos e sertanejas que conviveram com a seca de 1932 ou com a crise de 32 como eles gostam de lembrar, pois, acreditamos que os seus recursos nos permitem investigar aspectos que com outras fontes seriam negligenciados.

## **A VILA DE CANABRAVA DO GONÇALO E A SECA DE 1932**

Canabrava do Gonçalves, lócus desta pesquisa foi uma vila que pertenceu ao território do município de Chique-Chique. Surgiu como um povoado em meados do século XIX e tornou-se distrito pela Lei estadual nº 2.204, de 08.08.1929 e manteve a mesma nomenclatura até receber o nome de Uibaí pelo Decreto Lei Estadual nº 11.089, de 30.11.1938. Em 1961, a Vila de Uibaí se emancipou politicamente e se torna a cidade de Uibaí (FALCÃO, s/d, p.631).

A área de influência da Vila de Canabrava do Gonçalves no tocante ao espaço englobava o que hoje corresponde ao município de Uibaí, juntamente com o município de Presidente Dutra, portanto, ao estudar a Vila Canabrava do Gonçalves no início da década de 1930 ultrapassamos os limites do atual município de Uibaí, mesmo porque já pudemos perceber que o trabalho será enriquecido se estabelecermos uma relação entre as pessoas que habitavam o chamado Vale do Rio Verde, a Vila de Canabrava do Gonçalves e Chique-Chique, como espaços interligados no que se refere à busca por melhores condições de sobrevivência, durante o flagelo de 1932.

As terras que deram origem à Vila de Canabrava do Gonçalves, e posteriormente ao município de Uibaí, foram ocupadas em meados do século XIX, por volta de 1844, após serem compradas dos herdeiros da Casa da Ponte por Venceslau Pereira Machado, Gonçalves José dos Santos e Raimundo Pereira da Rocha que posteriormente se mudariam para ocupá-las de forma mais efetiva, com suas famílias. Inicialmente essas terras constituíram fazendas denominadas Canabrava do Gonçalves<sup>5</sup>, Olho D'Água do Gonçalves<sup>6</sup> e a Fazenda Riacho de Areia<sup>7</sup>, Vale ressaltar que a povoação desse espaço se iniciou ao longo dos riachos que cortam a região como o riacho

---

<sup>2</sup> Mucunã é uma semente, encontrada na vegetação da caatinga, que foi consumida de diversas formas, durante a seca de 1932, em Canabrava do Gonçalves. Era considerada tóxica pela maioria dos depoentes, necessitando para ser consumida, a sua lavagem por nove vezes.

<sup>3</sup> A parrêra, ao que tudo indica, fazia parte da flora da caatinga, e era encontrada em uma certa abundância em períodos de escassez de chuvas e permitia que de sua raiz, após ser ralada, espremida e torrada, fosse feito um tipo de farinha, para épocas de emergência.

<sup>4</sup> A cuca do umbu consiste na raiz do umbuzeiro, que acumula uma grande quantidade de água e permitiu aos sertanejos se aproveitarem dessa característica da planta para consumi-la natural ou transformá-la em farinha, já que a mandioca estava escassa.

<sup>5</sup> A Fazenda Canabrava do Gonçalves corresponde à sede do município de Uibaí.

<sup>6</sup> Hoje a antiga Fazenda Olho D'Água do Gonçalves corresponde a um povoado da zona rural do município de Uibaí.

<sup>7</sup> Atualmente corresponde a Hidrolândia, Vila de Uibaí.



Canabrava e o riacho do Olho d'água. Assim, “Em ambas as fazendas descobertas [Fazenda Canabrava do Gonçalves e Olho D'Água do Gonçalves], a maior atração para quem as visitasse eram os riachos com sua água vítrea e as plantas existentes em suas margens úmidas e férteis” (SOUZA, 1984, p. 8). Percebemos, portanto a importância da água para o início da povoação desta área sertaneja e justamente a existência de riachos em alguns pontos da serra o que provavelmente serviu como motivação para a vinda de flagelados da seca de 1932, muitos deles fugindo da seca no vale do Rio Verde, região próxima a Canabrava do Gonçalves. Este fator não impediu que muitos após encontrar dificuldades de permanência na vila se retirassem para Chique-Chique em busca das oportunidades às margens do São Francisco. Assim, a rotina dessa pequena vila, assim como de grande parte da Bahia e de outros Estados do Nordeste, foi abalada por conta do flagelo que viria marcar profundamente a memória de sua população, a seca de 1932.

Existe algo que não pode ser desconsiderado neste estudo que é a própria situação em que vivem os sertanejos, para que possamos compreender os motivos da angústia despertada quando há a possibilidade de ocorrência de estiagens. Esses sertanejos, que em sua maioria – devido às más condições da distribuição de renda em nosso país, ou seja, à situação de pobreza - não dispõem de condições materiais elevadas, dependem da ocorrência de chuvas suficientemente distribuídas para que seja garantido o seu sustento. Quando por ventura, isso não ocorre, a população já sabe que dificuldades virão.

É importante salientar, que entendemos a seca enquanto um fenômeno social. Todavia, esse caráter é mascarado, quando abordado de forma a refletir um problema apenas de ordem natural. Dessa forma, a fome que se agrava durante as intempéries climáticas reflete apenas um agravamento da situação cotidiana de boa parte da população que vive precariamente. Com isso, a intensificação da fome coletiva durante as secas causa as mais diversas reações: furto, fuga, morte, etc., não sendo um fenômeno que aconteceu de forma específica na região Nordeste do Brasil, durante a seca de 1932, pois, conforme Josué de Castro “[...] a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome” (CASTRO, 2008, p. 32).

O fenômeno seca faz parte do cotidiano sertanejo e carrega significados que vão além do momento em que ela está presente, ou seja, as preocupações quanto à possibilidade da ocorrência da seca, se fazem presentes em todos os momentos da vida destas pessoas que convivem diretamente com as suas consequências. Com isso, recorremos a Alfredo Macedo Gomes que afirma que o significado que a seca tem para os moradores do semi-árido nordestino

[...] não se restringe ao período seco, mas muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica, religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período seco, de estio, a sua significação é inquestionável; se é período de chuvas, onde se vive o “inverno” e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer (GOMES, 1998, p. 57).

A crise de 32 como é retratada pelos moradores locais e acaba sendo perpetuada pelas gerações posteriores, é apontada como a de maior repercussão de todas já enfrentadas, tendo sido necessário uma verdadeira readaptação de sua rotina a fim de superá-la. Essa readaptação foi feita com base em uma grande resistência que a população apresentou, percorrendo desde uma



adaptação de sua alimentação aos escassos recursos que o seu ambiente ainda dispunha, passando pela retirada de sua terra em busca de um lugar que estivesse em melhores condições, sem esquecer a perspectiva e ansiedade da chegada do fim do flagelo, para retornarem, e por fim, desembocando na morte quando não havia outra saída. Contudo, daremos destaque à dieta alimentar, desenvolvida nesse período, pelos moradores de Canabrava do Gonçalves e localidades circunvizinhas que será abordado a seguir.

## **FUGA DA FOME: DIETA ALIMENTAR EM CANABRAVA NA SECA DE 1932**

Não há como falar em seca no sertão sem falar da resistência apresentada pelos sertanejos no tocante à sua alimentação. Em 1932, quando culminou a seca, na região em que se situa o objeto de estudo, consumiu-se de tudo. Desde cuca de umbu, até couro cru, mucunã, xique-xique<sup>8</sup>, etc. O gado que existia não resistiu ou estava demasiado magro, mas tendo em vista o que se preserva nas memórias que subsidiam a produção desse trabalho, as precárias condições a que se chegou deu-se em decorrência da falta de farinha – que constituía e ainda constitui em determinadas localidades, a base da alimentação. A ausência desse alimento, devido à escassez de chuva seria, portanto, a principal causadora da fome, e em consequência, do sofrimento. Vale observar que para as famílias mais abastadas, que possuíam uma quantidade mais considerável de criações, especialmente de cabra que era mais resistente à seca, conseguia resistir de uma forma menos precária tendo inclusive a possibilidade de se solidarizar com os que não se encontravam na mesma situação pondo em prática as ações de solidariedade que também se fazem bastante presente no cotidiano da seca de 1932 na Vila de Canabrava do Gonçalves.

Acerca das dietas alimentares desenvolvidas pelos sertanejos para saciar a fome, Josué de Castro aponta que,

Fazem parte desta dieta forçada dos flagelados pela seca inúmeras substâncias bem pouco propícias à alimentação, das quais os habitantes de outras zonas do país nunca ouviram falar que fossem alimentos. Substâncias de sabor estranho, algumas tóxicas, outras irritantes, poucas possuindo qualidades outras além da de enganar por mais algumas horas a fome devoradora, enchendo o saco do estômago com um pouco de celulose (CASTRO: 2008, p. 202).

Silvanito Dias e Silva, cordelista natural de Central<sup>9</sup>, em seu poema de cordel **A angústia de Zé Carote na seca de 32** traz um panorama dessa seca na região que Canabrava do Gonçalves fazia parte. Apesar dessa fonte não ter sido produzida no local em foco neste estudo, mas em Central, retrata uma realidade que permeou toda a região no período e foi produzido recentemente com base em vários depoimentos em que, entretanto, não foram utilizados os recursos da História Oral que subsidiam esta pesquisa. Acerca da alimentação destaca-se o fato de que “Mucunã e coró cru, / Sirvia de alimento, / Pra aliviá a fome, / Dum povo em disalento, / Padiceno noite e dia, / Na severa agunia, / Asperano livramento”. Aqui ganha destaque a mucunã e o couro cru como fonte de alimento utilizados durante a seca. A fruta mucunã aparece em várias fontes e não se restringe à região focalizada, talvez por ter sido um grande desafio sobreviver dependendo de um fruto que acreditava-se ser tóxico. Assim,

<sup>8</sup> O xique-xique é um tipo de cacto, comum na vegetação nativa da região em destaque.

<sup>9</sup> O município de Central é vizinho ao de Uibaí, e em 1932 também fazia parte do município de Chique-Chique.



[...] Muitas vezes para matar a fome, recorriam às raízes da mancambira<sup>10</sup> ou de umbu; da fruta da mucunã, lavada em sete águas para tirar as substâncias tóxicas, faziam uma espécie de cuscuz, segundo dizem, de péssimo sabor e duvidosa qualidade alimentícia. Os que se embrenhavam pela Chapada Diamantina, premidos pela fome, escapavam tomando o leite do mucugê<sup>11</sup> (ROCHA; MACHADO, 1988, p. 72).

A mucunã é um tipo de alimento em que se recorreu de forma freqüente em épocas de seca, inclusive sendo bastante utilizada durante a seca de 1932. Existe uma desconfiança muito grande das pessoas que consumiram a semente nesse período, pelo fato de a considerarem tóxica e atentarem para a necessidade de lavarem o pó retirado das sementes depois de piladas, por nove vezes, para que não fossem envenenados. Podemos citar um fragmento do depoimento de D. Clarice que afirma,

Botava no fogo e descascava, tirava as casca, tá vendo? Pra depois pisar no pilão, pisar no pilão, eu pisava era botando fogo nela mesmo. Quando o fogo apagava eu botava um bucadinho de massa de mucunã, oh o fogo pra cima, pra pisar, lavar minha fia, ne nove água, tu tá vendo? Ne nove água, pra fazer o cuscuz pra comer. Cuscuz bonito só se você ver, mas inchava. Eu mesmo inchei meus pé, eu não comia quase, vivia inchando meus pé.

Percebemos no depoimento acima, que também se faz presente em outros, a clara desconfiança da população, quanto à utilização deste recurso alimentar, pelo fato de apresentar em muitas pessoas reações desagradáveis. Entretanto, para fugir da fome era necessário que se recorresse à mucunã.

Quanto a isto, é salutar acrescentar o que foi discutido no importante estudo sobre a fome realizado por Josué de Castro nos anos 1940 (CASTRO: 2008) que estuda a fome a partir de uma divisão do território brasileiro em áreas geográficas em que ela ocorre. Nos interessa a área do sertão nordestino. Sobre as características nutritivas da mucunã, afirma que “Trata-se, pois, de um alimento vegetal extremamente rico em proteínas, dos mais ricos do mundo, quase idêntico à soja (com 38%) e altamente energético por seu conteúdo de hidrocarbonetos” (CASTRO: 2008, p. 206). Quanto à toxidez relata que,

Realizamos longos estudos experimentais sobre o valor nutritivo da suposta toxidez da mucunã, chegando à conclusão de que a mesma é destituída de toda toxidez, ocorrendo os fenômenos observados tanto ao homem como nos animais alimentados com a mesma planta por conta de graves carências, principalmente de certos aminoácidos indispensáveis (CASTRO: 2008, p. 206).

Além disso, recomenda o seu plantio para uso em períodos de seca para combater a fome, já que “Trata-se, pois, de uma leguminosa de alto valor nutritivo e atóxica, que considerando sua

---

<sup>10</sup> Compõe a vegetação da caatinga.

<sup>11</sup> Consiste em um tipo de vegetação encontrada na Chapada Diamantina.





extraordinária resistência aos períodos de seca deveria ser plantada no sertão como um valioso recurso para combate à fome nos períodos de calamidade” (CASTRO: 2008, p. 206).

Jaksom Rubem dá destaque ao xique-xique, um cacto que teria servido de fonte alimentícia para algumas pessoas, descrevendo o processo pelo qual passava até poder ser consumido.

[...] o xique-xique ajudou muita gente a sobreviver durante secas terríveis, quando não restava mais nada como alimento. Pegavam o xique-xique, retiravam todos os espinhos, e o assavam. Feito isso, retiravam suas cascas como se estivessem descascando uma banana e comiam sua parte mais tenra. O restante era dado aos animais, permitindo-lhes, também, continuarem vivos (RUBEM, 1997, p. 80).

A entrevistada D. Joaquina, que cedeu informações que assim como os demais entrevistados, foram fundamentais para a realização desse trabalho, ao rememorar as formas de alimentação pelas quais ela e sua família passaram durante a seca de 1932 demonstra inclusive com detalhes como eram preparados esses alimentos. Ao falar de seu pai ela diz que “ele tinha um brejo de batata que a gente dava o povo e uns ia pedir até folha de batata pra ferver pra fazer cariru pra comer, folha de mandioca frevia e comia”. Vale ressaltar que esta entrevistada fazia parte de uma família ao que tudo indica com certo destaque na sua localidade, chamada Poço, que atualmente faz parte da zona rural do município de Uibaí, antiga Canabrava do Gonçalves.

D. Joaquina demonstra em seu depoimento o que foi consumido em Poço durante a seca de 1932. Segundo ela,

Quando nós cerçava assim [milho] numa peneira pra tirar as peles da canjica o povo aparava chegava e dizia: [...] me dá essas pela pra eu torrar pros menino comer, aquelas sementes de melancia que tinha, pegava tudo [...] comia até a raiz da taboa o povo comia, mucunã.

É notório na fala dessa depoente, o lugar ocupado por seu pai nessa sociedade. Segundo ela, ele possuía roças de mandioca que possibilitavam a obtenção de farinha, tão fundamental para a dieta alimentar dessa população e nesse momento encontrava-se escassa. Além disso, realizou, antes de emigrar com a família para Chique-Chique, uma espécie de comércio, revendendo produtos, em especial a farinha, que ele ia até Chique-Chique, centro econômico regional, comprar para ser revendida, consumida e doada. Quando é revelado o que as pessoas comiam D. Joaquina cita:

aquelas carne véia magra que a gente tem nojo, [...] comia carne de gado, mas feijão era muito pouco [...], comia bode também, [carne] de bode, de porco, uns porco véio magro [...], cozinhava os imbu verde e botava água e botava um saco pra escorrer e comia ali puro; folha de mandioca, frevia as folha de mandioca, moía na máquina, comia com imbu maduro também, de batata, as folha de batata.

Sua fala revela um universo de possibilidades alimentares nesse cotidiano. Além disso, ela identifica a existência de diferença na dieta alimentar entre os que ela considera como “os



que podia” em oposição aos outros. Segundo ela “os que podia comia cuscuz de manhã e de noite, comia o angu de milho, os que tava bem, farinha era com um tiquinho de feijão um taquinho de carne, carne era barata”.

Algo interessante a ser destacado diz respeito ao final de sua fala citada acima. O fato de se enfatizar que “carne era barata”. Contudo, apesar da carne ser barata, as dificuldades eram maiores pela escassez de farinha e “tudo a gente comia com farinha e não tinha farinha”. Assim, apesar de se encontrar em uma posição que permitia ajudar outras pessoas não podemos desprezar o fato de D. Joaquina e sua família estarem incluídos nesse universo de pessoas que resistiram à seca de 1932 enquanto ela mesma se inclui entre as pessoas que passaram por dificuldades e por fim, revela “ia passando, passou, a gente passa, come tudo quanto é coisa e passa”.

Outra entrevistada, D. Idália, que nasceu em Irecê (distante 36 quilômetros de Uibaí), e juntamente com sua família em 1932 emigraram para Jequié e de lá vieram para Canabrava do Gonçalo após seu pai e alguns irmãos falecerem em decorrência da seca. O depoimento dessa senhora mostra uma realidade diferente da anterior, pois D. Joaquina em momento algum cita que sua família chegou a pedir esmolas, enquanto a fala de D. Idália está permeada por isso.

D. Idália também aponta a escassez de farinha como responsável pela precariedade da situação. Quando ela fala da saída de sua família de Irecê diz que “meu pai tinha um jegue, vendeu o barraco a troco de bode e daí panhou os bode e salgou e botou dentro das bruaca, pra nós ir comendo os pedacinho, só salgado sem farinha, até onde encontremo farinha”.

Tal era dificuldade de encontrar esse alimento que da saída de sua família de Irecê em direção a Jequié só foram encontrar farinha em Morro do Chapéu, farinha esta que era feita de palmito de coco. É provável que essa farinha de palmito já fosse feita com a finalidade de ser doada aos flagelados, pois, o senhor Valmyr, outro depoente, nos fala de parentes seus que faziam farinha de cuca de umbu para ser misturada à farinha de mandioca e doada aos pedintes.

D. Idália quando narra a saída de sua família até chegar em Jequié revela o que era ingerido oriundo de esmolas dadas a esses flagelados. Segundo ela, as pessoas davam “cabeça de fralda<sup>12</sup> pra nós comer e nós comia e achava bom. Palmito de coco aqueles pedaço, nós comia e achava bom, inda dava Deus que te ajude”.

Em contraposição à escassez de alimentos em todo o caminho percorrido até chegar em Jequié, suas memórias revelam o lado da fartura encontrada “no sul”. “Ne Jequié. Quando nós chegamo ne Jequié tantas barriga nós tivesse pra carne, banana e tudo quanto é fruta era um farturão. Graças a Deus aí a fome acabou”. Tudo indica que em Jequié existia um espaço reservado aos flagelados fugitivos da seca e nesse espaço, D. Idália teria perdido parte de sua família que morreu de uma doença que ocorria em decorrência da seca, pois, os organismos das pessoas estavam enfraquecidos devido à fome excessiva e não tinham possibilidade de reagir, provocando óbitos, como o do pai da entrevistada que segundo ela, morreu de muquirana. Acreditamos que esta doença trata-se da malária que atingiu a tantos durante esse flagelo nas proximidades de Chique-Chique.

---

<sup>12</sup> Cabeça de frade é o nome de um cacto bastante comum na vegetação da caatinga que normalmente não é aproveitado na alimentação nem de animais.



Por fim, apontaremos as indicações do Sr. Valmyr, que em 1932 tinha 6 anos, acerca da alimentação a qual os sertanejos recorreram durante a seca de 1932 “comia rato, gato, rabudo, naquele tempo eles matavam e comiam a fome era devastadora era pouca gente que não passava fome”.

O lugar ocupado pela família do Sr. Valmyr se assemelha à de D. Joaquina pois, ele reporta a sua fala à solidariedade prestada por seus familiares às pessoas que estavam passando fome. Ele fala de seu tio Dió Miranda que era considerado rico nessa época e marcava um dia para matar um boi do qual se aproveitava tudo, “tripa, não ficava nada”. Além disso, ele diz que “muitos tomavam água com sal não tinha outra coisa até hoje tem esse ditado tá vivendo n`água e sal, naquele tempo era mesmo n`água e sal”. Associada à fala de Sr. Valmyr, podemos apontar o que foi lembrado por D. Clarice sobre o seu irmão que era afilhado de Dió Miranda e ela informa que o padrinho teria presenteado o afilhado com uma novilha, que ele teria comido a mesma quase crua devido a fome intensa que ela classifica como sendo uma doença chamada de fome preta, mas ainda não encontramos referência sobre a mesma. Segundo D. Clarice, seu irmão comeu até carniça “comia carniça, se achasse um cabrito morto ele botava debaixo do braço e saía rasgando”, por conta de tal fome e pelo fato de não encontrar outro tipo de alimento, já que sua fome não era saciada.

Em vista disso, podemos perceber uma infinidade de recursos oferecidos pela natureza em momentos de escassez que eram aproveitados através de uma adaptação da dieta alimentar como forma de resistir ao flagelo. Tudo isso foi aproveitado e ajudou esses sertanejos a superar as agruras dessa seca e reproduzir as suas experiências como forma de aprendizado para as gerações posteriores que retratam essa vivência seja através da oralidade, de poemas de cordel e até mesmo de músicas como a de Wilson Oliveira, cantor e compositor de Central que em sua canção **A seca de 32 no sertão da Bahia** cita em um trecho informações sobre a alimentação durante essa seca que corroboram com as informações recolhidas a partir dos depoimentos: “Dos 15 filhos que eu tanto gostei / Hoje presenciei 05 desencarnar / Dez que`inda restam, eu admirei / Comeu couro cru e mucunã pra escapar”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vila de Canabrava do Gonçalo por localizar-se, no período em foco, em um certo isolamento – como a maioria das cidades do interior -, devido à falta de estradas, ficou completamente esquecida pelo poder público. Sua população não teve o mínimo auxílio e enfrentou mais uma estiagem apenas com o suporte dos próprios contrerrâneos que ajudavam como podiam, dividindo o pouco que havia restado. Contudo, não podemos desconsiderar as mortes, que apesar da resistência, ocorreram. Foram várias as pessoas que faleceram de inanição e de doenças em decorrência dela na própria vila, ou quando buscavam sobrevivência em outros locais.

Apesar de estarmos tratando de um tema do início do século XX, não há como ignorar várias permanências deles em períodos posteriores. O principal talvez seja o descaso do poder público que mesmo instituindo, em seguida a essa estiagem frentes de serviço, não conseguiu resolver essa problemática que ainda hoje é motivo de aflição.





Através das experiências, reproduzidas a partir das memórias de pessoas que conviveram com essa estiagem, buscamos dar visibilidade a esses sujeitos que por tanto tempo foram marginalizados pela historiografia e têm muito a contribuir para o alargamento dos estudos históricos, sobretudo no que se refere aos estudos do sertão, estudos estes, que podem ser enriquecidos pelos recursos oferecidos pela história oral, através das memórias, pois,

[...] A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs (ROUSSO, 2002, p. 94).

Assim, a seleção feita pela memória dos depoentes reproduzida ao longo do trabalho, nos permitiu abordar alguns aspectos de uma dieta alimentar, oriunda da adaptação feita por moradores do sertão baiano a fim de resistir à fome causada por mais um flagelo, dispondo de artigos que a natureza oferecia nessas condições.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FALCÃO, Márlio Fábio Pelosi. **Pequeno Dicionário da Bahia**, Fortaleza, s/d, 676p.
- GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário social da seca: suas implicações para a mudança social**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1998.
- ROCHA, Osvaldo Alencar; MACHADO, Edimario Oliveira. **Canabrava do Gonçalo: uma Vila do Baixo Médio São Francisco**. Brasília: Ed. Do Autor, 1988.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da História Oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- RUBEM, Jackson. **Irecê: História, Casos e Lendas**. Salvador: Bureau, 1997.
- SILVA, Silvanito Dias e. **A angústia de Zé Carote na seca de 32**. Poema de cordel. Impressão Gráfica Salobro, Irecê. s/d.
- SOUZA, Antônio Machado de. **Pequena História do Uibaí**. Monografia. Ed. Prefeitura Municipal de Uibaí. Uibaí-Ba, 1984.